

A "escolinha Walita"

JARBAS PASSSARINHO(+)

O trabalho dos constituintes não tem merecido uma avaliação correta por parte do público, que é orientado pelos órgãos de comunicação de massa, de sorte a serem considerados como vadios regamente pagos para não trabalhar. O episódio ocorrido no programa da Sr^a Hebe Camargo, com a presença de um cronista social que se permitiu chamar os constituintes de "corja de vagabundos" é bem uma indicação segura desse estado de espírito, que domina o povo. Isso porque fotografias e noticiários, em geral, focalizaram o plenário da Câmara, muitas vezes vazio, levando à conclusão de que a imensa maioria dos constituintes estaria não apenas fora do plenário como de Brasília. Ora, nenhum parlamento que se preze vive repleto. Visitei o Senado dos Estados Unidos por duas vezes. Na primeira, havia no plenário três senadores, um deles usando da palavra. Na outra vez, havia um pouco mais: menos de dez. Ocorre que meus dias de visita coincidiram com pauta de trabalhos de menor importância. Não havendo votação expressiva, os senadores americanos se permitiam não ficar em plenário, como meninos, estudantes de curso inicial ou fundamental. O Senado americano, porém, onde só se entra mediante convite, entrega já na entrada um folheto que fala a respeito da instituição. Lá se diz exatamente o que é o Senado, como se compõe, como trabalha. E acrescenta: se você não vir o seu senador no plenário é quase certo que ele estará em seu gabinete, recebendo correligionários, despachando correspondência, ou em visita a outras partes do Capitólio ou do Executivo, à busca de resolver problemas da área que ele representa. Ademais, no recinto aberto aos visitantes (as galerias) não é permitido sequer falar mais alto, quanto mais apupar como ocorre com frequência entre nós. Também lá não vi profissionais da imprensa a circular no recinto privativo que é dos senadores, o mesmo se dando na Câmara dos Deputados. Tudo obedece a uma ordem impecável, mantida tradicionalmente, por uma questão de convenção entre as partes. Não é preciso pôr lá nenhum regimento de infantaria ou coisa que o valha, porque cada um respeita exatamente o direito dos outros.

Não foi diferente a impressão que colhi ao visitar, também mediante convite pessoal, a Câmara dos Comuns, em Londres, mas aqui a impressão que se transmite ao povo é de que os constituintes devem ficar, como na "escolinha Walita", sentadinhos durante quatro horas a fio, a ouvir o que se convencionou chamar de "pinga-fogo". Na quadra que vivemos, do desenvolvimento de nossos trabalhos, estamos na fase preliminar, a da feitura de nosso regimento interno, baseado no qual se fará a tecitura da nova Constituição. Quanto trabalho já realizamos fora até mesmo do prédio do Congresso! Já consumimos domingos e feriados a preparar anteprojeto desse regimento, desde janeiro. Foram várias sessões de trabalho metuculoso, mas nunca apresentado ao público. Esse, só viu as fotos do plenário vazio, antes que a chamada nominal dos constituintes pudesse aumentar a presença. No entanto, no domingo em que se iniciava a discussão do projeto do PMDB lá estava o plenário repleto, por todo o dia.

A um jornalista, que me perguntava o porquê das ausências, insistindo na crítica, respondi que a deformação crítica em relação ao Congresso só serviria para desconceituá-lo junto ao povo; e que quando o povo se desse conta, através dessa distorção, de que o Congresso era parasitário e desnecessário, o caminho seria a sua eliminação e o surgimento de uma ditadura. O Congresso é o referencial da liberdade. Onde ele existe ela pode até não ser plena, mas onde está banido certamente não há liberdade.

(*) E senador pelo PDS do Pará